

## **Precisamos lembrar o passado, mas é importante saber esquecer**

*Datas como os 60 anos do golpe são importantes de serem assinaladas, pensadas e repensadas, pois sem análise histórica fica mais difícil evitarmos as tragédias futuras*

*Por Tatiana Salem Levy*

*Valor, 19/04/2024*

No último dia 31 de março, completaram-se 60 anos do terrível golpe que deu início a uma das mais terríveis ditaduras da América Latina. Datas como essa são importantes de serem assinaladas, pensadas e repensadas, pois sem análise histórica fica mais difícil evitarmos as tragédias futuras. Apesar de toda a sua inteligência, o ser humano tem a desastrosa mania de repetir guerras, genocídios, ditaduras, perseguições, assassinatos. Sem uma constante avaliação de nós mesmos, não melhoramos. E o Brasil é um país que precisa constantemente ser colocado no divã.

Dito isto, queria pensar aqui a própria ideia de história, a partir das concepções dos alemães Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. No ensaio “Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida” (trad. Marco Antônio Casanova, Relume Dumará), Nietzsche sublinha a importância concomitante da memória e do esquecimento, sintetizados da ideia de que é preciso lembrar para esquecer. E algo ainda mais crucial é a forma com a qual ele pensa como a história pode sufocar a vida ou promovê-la.

“Vida” é um conceito-chave na filosofia de Nietzsche. Ele abre o ensaio com uma frase de Goethe, que representa a sua própria filosofia: “De resto, me é odioso tudo o que simplesmente me instrui sem aumentar ou imediatamente vivificar a minha atividade”. O que não intensifica a vida não lhe interessa. E, para ele, não há nada mais morto do que a história como um acúmulo de saber.

Desde “O nascimento da tragédia”, seu primeiro livro, Nietzsche faz uma crítica feroz à história enquanto disciplina acadêmica, isto é, enquanto acúmulo de um saber que, ao se mostrar excessivo, obstrui a saúde de uma cultura. Aquilo a que ele chama de homem culto é o homem adoecido pela história. Segundo ele, a história tomada como um luxo do conhecimento deveria ser odiosa para nós. Mas, se em “O nascimento da tragédia” a história aparece fundamentalmente como prejudicial, na medida em que elimina a força vital de uma cultura, na “Segunda consideração intempestiva” ele também se pergunta sobre as suas vantagens. Como a história pode ser útil?

A crítica de Nietzsche não é à história em si, mas à forma como se pensa a história no século XIX: “Padecemos de uma febre histórica”, diz ele. Precisamos da história para a vida e a

ação, não para o abandono confortável da vida ou mesmo para o embelezamento. “Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la”, diz ele. A história, como forma de conhecimento, não pode ficar encastelada - precisa ser direcionada para a afirmação da vida. Ou seja, o estudo da história não deve constituir um fim em si mesmo (acumulação de saber factual); deve servir como meio para algum fim ou objetivo vital.

A história é útil na medida em que promove uma compreensão mais aguçada de sua própria época. Ela permite conhecer, refletir e agir na vida humana prática. Estabelece um diálogo entre as culturas e os tempos (entre o Brasil da ditadura e o Brasil de agora, por exemplo). A relação entre culturas e tempos nos permite um enriquecimento de nós mesmos não apenas individualmente, mas, sobretudo, como sociedade.

Quando falo aqui da utilidade, não estou querendo dizer instrumentalização da história. O conhecimento precisa ter uma finalidade clara, o que não quer dizer instrumentalizá-lo, mas sim refletir sobre seu papel na vida. O conhecimento que apenas instrui, sem vivificar, não interessa a Nietzsche. Como grande genealogista, ele estuda a origem e o processo dos acontecimentos para pensar o hoje. No seu primeiro livro, analisou a tragédia grega com o intuito de renovar as forças artísticas da Alemanha de sua época. “Somente a partir da suprema força do presente tendes o direito de interpretar o passado”, diz ele.

É claro que todos nós às vezes temos o desejo de viver a-historicamente, isto é, esquecendo as coisas do passado, vivendo como se fosse o primeiro dia. No entanto, ao contrário de um rebanho que pasta, não podemos aprender a esquecer. Dizemos: “Eu me lembro” e invejamos o animal que esquece.

Ao mesmo tempo, uma pessoa, um povo, uma cultura adoecem se ruminam o passado, vangloriando o que já foi sem pensar no hoje. Tornam-se coveiros do presente. A capacidade de esquecimento está relacionada ao tamanho da nossa força plástica, que incorpora o passado, curando feridas. Por isso, o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um povo. É claro que precisamos rememorar o passado, seja ele glorioso, banal ou terrível - esta é a única forma de nos reconhecermos, de criarmos uma identidade e evitarmos repetir os nossos erros. Mas também nos é importante saber esquecer (isto não quer dizer perdoar, ignorar, apagar) para construirmos um presente melhor, mais alegre, mais vivo.

O diagnóstico de Nietzsche sobre o seu tempo presente é de que a vida está doente e precisa ser curada. O excesso de história afetou a sua força plástica, afetou a história. Feito uma serpente que engoliu coelhos inteiros e agora se deita ao sol evitando qualquer movimento desnecessário, assim estava a Alemanha do final do século XIX. Qualquer pessoa que passasse por perto só poderia desejar que uma tal cultura não morresse de indigestão, brinca ele.

Apenas se a história suporta se converter em obra de arte ela poderá conservar instintos e, até mesmo, despertá-los. Nietzsche relembra que o termo “história” (Geschichte) em alemão deriva do termo “acontecimento” (Geschehnis). Uma história em que nada acontece estaria em franca contradição com o seu próprio sentido etimológico.

Walter Benjamin, posterior a Nietzsche e influenciado por ele, também pensa a história como acontecimento. No ensaio “Sobre o conceito de história”, Benjamin segue desenvolvendo aquilo que ele chama de “escovar a história a contrapelo”. Ou seja, não a pensa como linha contínua, evolutiva, mas como acontecimentos. A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”.

Para o materialismo histórico, corrente à qual Benjamin se insere, articular o passado não significa conhecê-lo como ele “de fato foi”, e sim fixar uma imagem, se apropriar de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Essa imagem fixa é um acontecimento, que irrompe da linearidade. Que se movimenta, mas também paralisa. Ela passa, veloz, e temos que tentar agarrá-la. “O momento em que o pensamento para, é o instante em que devemos insistir nele”, diria Hannah Arendt.

A consciência de fazer explodir o continuum da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação. A revolução é a explosão da história, o agora, o instante em que tudo acontece, uma irrupção na continuidade linear. Para o materialista histórico, o presente não é a transição entre um antes e um depois. Enquanto o historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única.

Ele contempla os bens culturais com distanciamento, pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror (por exemplo, a escravidão, o Holocausto, a ditadura militar). Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. Por isso, olhar para a história é ver também o horror.

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**

**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**